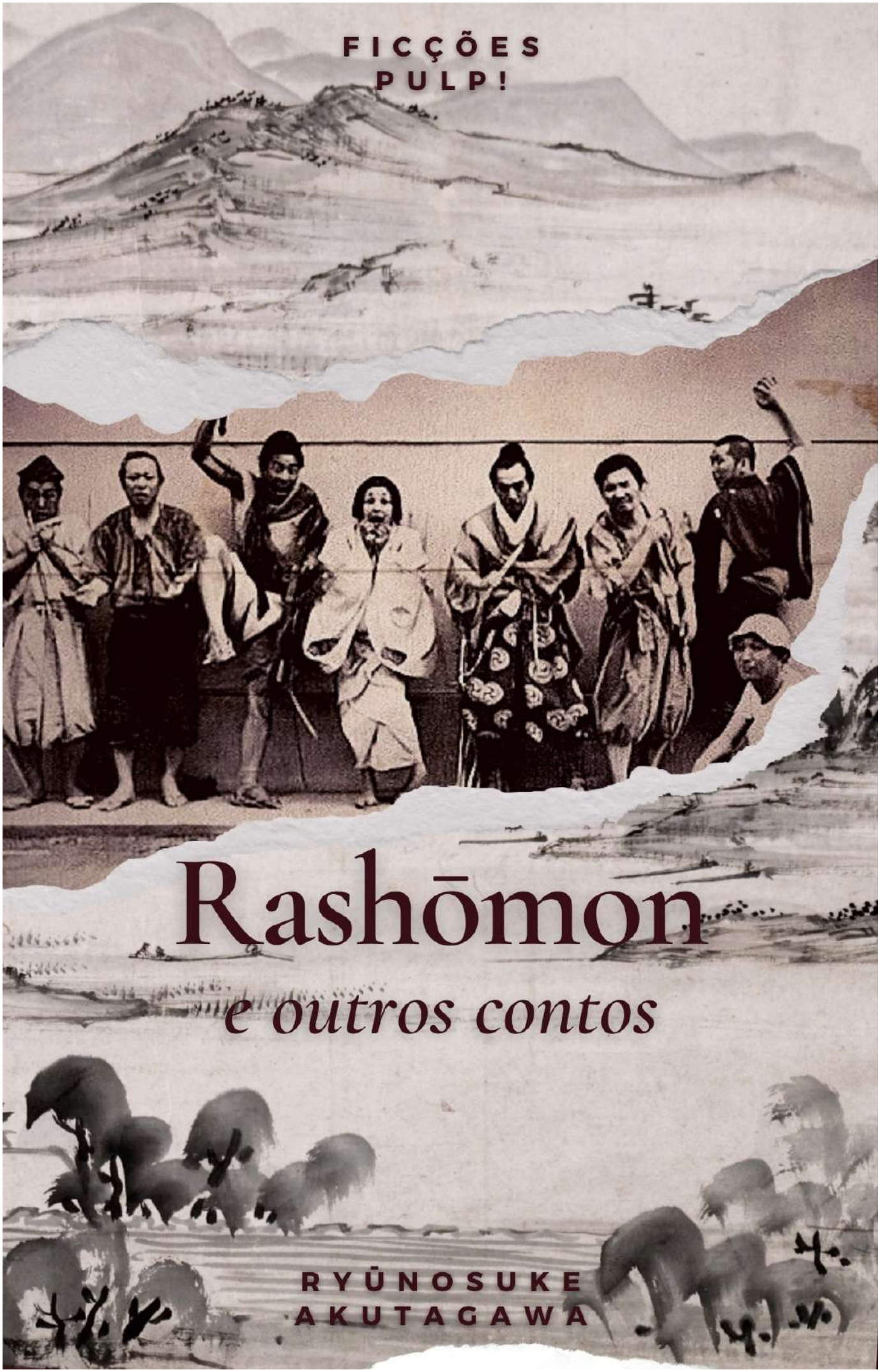
FICÇÕES PULP!



Rashōmon

e outros contos

RYŪNOSUKE AKUTAGAWA



Ryūnosuke Akutagawa

Tradução do inglês:

Diego Quadros

Os contos deste e-book encontram-se em domínio público conforme a legislação brasileira vigente.

FICÇÕES PULP!

www.ficcoespulp.com

@ficcoespulp

Brasil – 2021

SUMÁRIO

Apresentação

Rashōmon

Em um bosque

Análise de *Em um bosque*

Sennin

Ryūnosuke Akutagawa

Diego Quadros

O selo Ficções Pulp!

Outras publicações

APRESENTAÇÃO

É com grande honra que trazemos aos leitores *pulp!* mais um autor clássico da literatura estrangeira: Ryūnosuke Akutagawa, cuja obra influenciou diversos artistas e inspirou inúmeras adaptações.

A trama do premiado filme de Akira Kurosawa, *Rashōmon* (1950), por exemplo, é uma adaptação de seu *Em um bosque,* enquanto o título e as cenas ambientadas no Portão Rashōmon são retirados de sua narrativa homônima.

Akutagawa escreveu mais de 150 contos durante sua breve vida. Este *e-book* apresenta, com tradução exclusiva do inglês, as duas histórias que serviram de inspiração ao filme de Kurosawa e outra já antologizada no Brasil por Flávio Moreira da Costa, a partir de uma versão traduzida para o espanhol pelo argentino Jorge Luis Borges.

Rashōmon narra o encontro entre um servo e uma velha no dilapidado Portão Sul da então arruinada cidade de Kyoto, onde cadáveres não reclamados às vezes eram despejados.

Em um bosque apresenta relatos variados do assassinato de um samurai, cujo cadáver foi encontrado em um bosque de bambus perto de Kyoto. Cada seção esclarece e ofusca o que o leitor sabe sobre o assassinato, criando uma visão complexa e contraditória dos eventos, que questiona a capacidade de se perceber e transmitir a verdade objetiva.

Em ***Sennin***, o jovem camponês Gonsuke migra para a cidade de Osaka, a fim de arranjar trabalho como *sennin,* espécie de mago que desenvolve poderes especiais, como a juventude eterna.

Ryūnosuke Akutagawa (芥 川 龍之介, Akutagawa Ryūnosuke, 1 de março de 1892 - 24 de julho de 1927), nome artístico Chōkōdō Shujin (澄江 堂主 人), foi um escritor japonês ativo no período Taishō no Japão. É considerado o "pai do conto japonês", e o principal prêmio literário do país, o Prêmio Akutagawa, leva seu nome. Ele cometeu suicídio aos 35 anos, por overdose de Veronal.

羅生門

芥川龍之介

RASHŌMON

RYŪNOSUKE

AKUTAGAWA

RASHŌMON (1915)

Rashōmon (羅 生 門) *é baseado em contos do* Konjaku Monogatarishū[1]. *A história foi publicada pela primeira vez em 1915 na revista literária* Teikoku Bungaku. *O filme* homônimo *de Akira Kurosawa, realizado em 1950, é na verdade baseado principalmente em outro dos contos de Akutagawa:* Em um bosque*; apenas o título do filme e parte das cenas, como o roubo de um quimono e a discussão sobre a ambiguidade moral de roubar para sobreviver, são emprestados de* Rashōmon. *A história narra o encontro entre um servo e uma velha no dilapidado* Rashōmon*, o portão sul da cidade então arruinada de Kyoto, onde cadáveres não reclamados às vezes eram despejados. O nome atual do portão na história, mas não o enredo, origina-se da peça Noh[2]:* Rashōmon[3] *(cerca do ano 1420). Pode interessar ao leitor notar que três finais diferentes para a história foram publicados. Colocamos os finais alternativos logo abaixo do texto.*

1. *Konjaku Monogatarishū* (今昔 物語 集, *Antologia de Contos do Passado*), também conhecido como *Konjaku Monogatari* (今昔 物語), é uma coleção japonesa de mais de mil contos escritos durante o final do período Heian (794–1185). A coleção inteira estava originalmente contida em 31 volumes, dos quais 28 existem até hoje. Os volumes abrangem vários contos da Índia, China e Japão. Evidências detalhadas de *monogatari* perdidos existem na forma de crítica literária, que pode ser estudada para reconstruir os objetos de sua crítica até certo ponto.
2. *Noh* (能, Nō, derivado da palavra sino-japonesa para "habilidade" ou "talento") é a principal forma de dança dramática clássica japonesa, que tem sido apresentada desde o século XIV.
3. *Rashōmon* (羅 生 門) é uma peça Noh de Kanze Nobumitsu (c.1420). Do mesmo modo que outros dramas famosos, como *Maodori-hasi* e *Ibaraki*, é baseado na lenda de *Watanabe no Tsuna e o demônio de Rashōmon*.

RASHŌMON

Aconteceu em uma noite. Um humilde servo estava sob o Portão Rashōmon, aguardando a chuva parar. Sob o amplo portão, não havia ninguém além dele. Em um dos grandes pilares redondos, cuja tinta vermelha já descascava em alguns pontos, havia apenas uma esperança[4] solitária. Como o portão se localizava na Avenida Suzaku[5], normalmente se esperaria encontrar duas ou três outras pessoas por lá, aguardando a chuva diminuir. Mas não havia ninguém por lá além dele.

Vejam, nos últimos dois ou três anos houve uma série de desastres em Kyoto: terremotos, tornados, incêndios e fome. A capital desmoronava de muitas maneiras diferentes. De acordo com registros antigos, estátuas e altares budistas foram destruídos, e sua madeira, laqueada com vermelhão[6] e folhas de ouro ou prata, empilhada na beira da estrada e vendida como lenha. Desnecessário dizer que, com a capital neste estado, não havia ninguém para consertar o portão e, de fato, ninguém pensava nisso. Aproveitando esse estado de abandono, raposas e texugos passaram a morar lá. *Ladrões moravam lá*. Por fim, tornou-se até mesmo costumeiro levar cadáveres não reclamados para o portão e jogá-los por lá. Assim, após o pôr do sol, as pessoas ficavam com medo e ninguém ousava colocar os pés próximos ao portão depois de escurecer.

No lugar delas, um enorme bando de corvos se aglomerava por lá. Durante o dia, incontáveis pássaros podiam ser vistos sobrevoando em círculos enquanto grasnavam nas elevadas telhas ornamentais do telhado. Pareciam sementes de gergelim espalhadas, principalmente quando o céu acima do portão ficava vermelho ao pôr do sol. Os corvos, é claro, surgiam para bicar a carne dos cadáveres no alto do portão. Hoje, porém, talvez porque já fosse tarde, nem um único pássaro podia ser visto. Mas o que se *podia* ver eram seus excrementos brancos, presos em remendos nos degraus de pedra, que desmoronavam em alguns pontos, com ervas daninhas crescendo nas rachaduras. O servo, vestindo um quimono azul-marinho desbotado pela lavagem excessiva, sentou-se no sétimo e último degrau da escadaria de pedras. Assistiu à chuva cair enquanto brincava com uma grande espinha na bochecha direita, perdido em seus próprios pensamentos.

Há pouco, escrevi: "Um humilde servo aguardava que a chuva parasse". No entanto, mesmo

---

4. Inseto da família Tettigoniidae, popularmente conhecido no Brasil como esperança em razão da crença de que ele simboliza boa sorte (principalmente quando pousa em uma pessoa), enquanto que encontrá-lo morto é considerado presságio de mau agouro.
5. Avenida Suzaku (朱雀 大路 *Suzaku Ōji*) é o nome dado à avenida central que leva ao Palácio Imperial pelo sul nas capitais japonesas. As cidades geralmente se baseavam em um padrão de grade tradicional chinês. A Avenida Suzaku era tipicamente a estrada central dentro da malha urbana e, como resultado, a mais larga. Fujiwara-kyō, Heijō-kyō e Heian-kyō tinham sua própria Avenida Suzaku. A palavra *Suzaku* refere-se ao Deus Guardião do Sul, que se dizia aparecer na forma de um pássaro.
6. Vermelhão é um pigmento opaco alaranjado que tem sido usado desde a antiguidade.

que a chuva *de fato* parasse, o servo ainda não teria nada para fazer. Normalmente, é claro, esperaria-se que retornasse para a casa de seu senhor, mas ele fora dispensado do serviço de seu senhor quatro ou cinco dias antes. Como escrevi antes, nessa época a cidade de Kyoto se deteriorava de muitas maneiras diferentes. O fato de esse servo ter sido dispensado por seu senhor, que o empregara por tantos anos, foi apenas outro pequeno efeito colateral desse declínio. Então, ao invés de dizer: "Um humilde servo aguardava que a chuva parasse", teria sido mais apropriado dizer: "Um humilde servo, preso pela chuva, não tinha para onde ir e não sabia o que fazer". O clima naquele dia serviu para escurecer ainda mais o humor desse servo do período Heian. A chuva começara a cair um pouco depois das quatro da tarde e ainda não dava sinais de diminuir. Por enquanto, a prioridade na mente do servo era como ele ganharia a vida amanhã – como superaria essa "situação desesperadora". Enquanto tentava juntar suas ideias errantes, ele ouvia pensativamente o som da chuva caindo sobre a Avenida Suzaku.

A chuva engolfava Rashōmon, e rajadas de vento surgiam de muito longe e atingiam o portão com um barulho tremendo. A escuridão da noite gradualmente descia e, caso se olhasse para cima, poderia parecer que as nuvens enormes e sombrias estavam suspensas nas pontas das telhas projetadas do telhado do portão.

Para de alguma forma superar sua "situação desesperadora", o servo poderia ter que colocar seu moral de lado. Se ele se recusasse a fazer coisas que julgava moralmente questionáveis, acabaria morrendo de fome sob uma parede coberta por barro ou à beira da estrada. E então seria levado a este portão, para ser descartado, como um cachorro. "Se eu estiver disposto a fazer o que for preciso para sobreviver..." Seus pensamentos circularam por sua cabeça várias vezes, e finalmente chegaram aqui. Mas esse "se" sempre permaneceria uma mera hipótese. Pois, embora o servo reconhecesse que precisava fazer tudo o que pudesse para sobreviver, não teve a coragem de levar a sentença à sua conclusão precipitada: "Estou destinado a me tornar um ladrão."

O servo espirrou e se levantou exaurido. Kyoto – tão gélida à noite – já estava fria o suficiente para ele desejar um braseiro. O vento e a escuridão sopravam impiedosamente entre os pilares do portão. A esperança que estava sentada no pilar vermelho partira havia muito.

O servo enfiou a cabeça no peito, curvou os ombros – vestido com o quimono azul que usava por cima da fina e amarelada roupa de baixo – e olhou ao redor do portão. "Se há um lugar onde não serei incomodado pelo vento ou pela chuva... um lugar onde não serei visto... um lugar onde pareça que posso dormir confortavelmente a noite toda... então vou passar a noite lá", pensou. Felizmente, só então, ele avistou a ampla escadaria vermelha que levava à torre no topo do portão. As únicas pessoas que poderia encontrar por lá já estariam mortas! Assim, o servo, tomando cuidado para que sua espada simples com cabo de madeira não escorregasse da bainha, pisou no

último degrau com sua sandália de palha.

Alguns minutos depois. No meio da larga escadaria que levava ao topo da torre do portão, o homem prendeu a respiração e, agachado como um gato, ergueu os olhos com cautela. Do topo da torre, brilhou suavemente sobre a bochecha direita do homem a luz de uma chama. Era a mesma bochecha com a espinha vermelha cheia de pus entre a barba por fazer. O servo dera como certo que todos lá em cima já estariam mortos. Mas, quando subiu mais dois ou três degraus, viu que não apenas alguém acendera uma fogueira lá em cima, como pareciam movê-la para frente e para trás... Ele poderia afirmar isso pelo modo como a luz amarela e turva oscilava nas teias de aranha penduradas em cada canto e fenda do teto. Um fogo aceso... nesta noite chuvosa... e no topo deste portão... Certamente este não poderia ser um humano qualquer.

O servo rastejou até o último degrau da íngreme escadaria, com os pés silenciosos como os de uma lagartixa. Ajeitou o corpo o máximo que pôde, esticou o pescoço tão longe quanto possível e espiou cautelosamente para dentro da torre. Como afirmavam os rumores, vários cadáveres haviam sido descartados na torre, mas a luz do fogo não estava tão intensa quanto esperava, então ele não saberia dizer quantos eram. Embora a luz estivesse fraca, o que ele *de fato* sabia era que alguns dos corpos usavam quimonos e outros se encontravam nus. Previsivelmente, o número de cadáveres incluía homens e mulheres, misturados entre os mortos. Os corpos se pareciam tanto com bonecos de argila que seria possível duvidar que qualquer deles houvesse vivido algum dia. Com a boca aberta e os braços estendidos, estavam espalhados ao acaso pelo chão. E já que as partes superiores de seus corpos – como seus peitos e ombros – captavam um pouco da luz fraca do fogo, acabavam lançando sombras nas partes inferiores, e os cadáveres estavam eternamente silenciosos como um mudo.

O servo instintivamente cobriu o nariz do fedor pútrido dos corpos em decomposição. Mas, no instante seguinte, sua mão caiu de seu rosto. Uma forte emoção quase lhe roubara o olfato.

Foi nesse momento que o criado avistou pela primeira vez a pessoa agachada entre os cadáveres. Era uma velhinha emaciada de cabelos brancos em um quimono vermelho escuro. A velha carregava uma tocha de pinho acesa e olhava para o rosto de um dos cadáveres. A julgar pelo comprimento de seus cabelos em alguns pontos, provavelmente era o corpo de uma mulher.

Por um momento, movido por seis partes de medo e quatro partes de curiosidade, o criado se esqueceu até de respirar. Tomando emprestada uma frase dos escritores das crônicas antigas, ele sentiu como se "os pelos da cabeça e do corpo crescessem de modo profuso". A velha enfiou o cabo da tocha de pinho no vão entre as tábuas do piso. Pôs as duas mãos na cabeça do cadáver e, como um macaco catando os piolhos de seu filho, principiou a arrancar os fios dos longos cabelos do cadáver, um por um. Os cabelos pareciam se desprender com muito pouco esforço.

A cada vez que ela puxava um daqueles fios de cabelo, o servo ficava um pouco menos assustado. E a cada vez que ela puxava um daqueles fios de cabelo, o ódio intenso que ele agora sentia por essa mulher ficava um pouco mais forte. Não – provavelmente é enganoso afirmar que ele a odiava, por si só. Em vez disso, era uma repulsa contra todas as formas do mal, que ficava mais forte a cada minuto. Naquele momento, se alguém levantasse novamente a questão sobre a qual o servo estivera pensando sob o portão – se morreria de fome ou se tornaria um criminoso –, o servo quase certamente teria escolhido a fome, sem um pingo de arrependimento. Como a tocha que a velha enfiara entre as tábuas do piso, era assim que o coração do homem ardia contra tudo o que era mau.

O servo, é claro, não sabia por que a velha arrancava os cabelos do cadáver, então, racionalmente, não tinha como saber se era imoral ou não. Mas para este servo, nesta noite chuvosa, em cima deste portão, arrancar o cabelo de uma mulher morta era um pecado imperdoável. Claro, o servo já havia esquecido que, até muito recentemente, ele pensava em se tornar um ladrão.

O servo esticou as pernas e, de repente, saltou da escada sem avisar. Andou a passos largos até a mulher, com a mão no cabo de madeira de sua espada. Desnecessário dizer que a mulher ficou morrendo de medo.

Assim que a velha enxergou o servo, sobressaltou-se como se houvesse sido disparada por uma besta.

— Você! Onde você está indo?

O servo gritou. Colocou-se no caminho da velha, enquanto ela tropeçava nos cadáveres em uma tentativa frenética de escapar. A velha tentou empurrá-lo para o lado. Mas o servo ainda não tinha intenção de deixá-la ir e a empurrou de volta. Por um tempo, os dois lutaram entre os cadáveres sem dizer uma única palavra. Mas o resultado desta batalha estava claro desde o início. No final, o servo agarrou o braço da velha e a jogou no chão. Seu braço, como uma coxa de frango, era apenas pele e ossos.

— O que você estava fazendo? Bem, o que você estava fazendo? FALE! Se não me contar, vai receber ISTO!

O servo empurrou a velha para longe e, de repente, puxou a espada e exibiu o aço pálido diante dos olhos dela. Mas a velha nada disse. Suas mãos tremiam incontrolavelmente, seus ombros pesavam enquanto ela ofegava. Seus olhos estavam tão arregalados que pareciam prestes a saltar para fora das órbitas, mas, ainda assim, como uma muda, ela permaneceu obstinadamente em silêncio. Ao ver isso, o servo então percebeu que tinha a vida dessa mulher na palma de sua mão. Quando percebeu isso, seu coração, que ardia tão ferozmente de ódio, esfriou, até que tudo o

que restou foram os sentimentos de orgulho e satisfação que vêm com um trabalho bem feito. O servo olhou para a mulher, baixou a voz e disse:

— Não sou um funcionário do departamento de polícia nem nada. Sou apenas um viajante que por acaso passava por baixo do portão há alguns instantes. Não vou amarrar você ou coisa parecida. Mas seria melhor se você me contasse o que fazia em cima deste portão agora há pouco.

A velha de olhos esbugalhados abriu-os ainda mais e encarou o rosto do servo. Olhava para ele com os olhos vermelhos e lancinantes de uma ave de rapina. E então, seus lábios – tão enrugados que eram quase uma parte de seu nariz – moveram-se, como se ela estivesse mastigando alguma coisa. Era possível ver seu proeminente pomo de adão movendo-se em sua macilenta garganta. Então, daquela garganta, surgiu uma voz ofegante que parecia o grasnar de um corvo.

— Estou pegando esse cabelo... Estou pegando o cabelo dessa mulher para... Bem, pensei em fazer uma peruca.

O criado ficou desapontado porque a resposta da velha fora tão inesperadamente enfadonha. Junto com a decepção, aqueles antigos sentimentos de ódio e desprezo voltaram à sua mente. E, de alguma forma, ele deve ter transmitido esses sentimentos à velha. Com os cabelos que roubara do cadáver ainda agarrados em uma das mãos, ela murmurou com uma voz rouca de sapo:

— Entendo. Bem, talvez seja imoral arrancar os cabelos dos mortos. Mas estes cadáveres aqui – todos eles – eram o tipo de pessoa com quem ninguém se importaria. Na verdade, essa mulher de quem eu arrancava os cabelos momentos atrás... ela costumava fatiar cobras em pedaços de 10 centímetros, secá-los e vendê-los no acampamento da guarda do palácio do príncipe herdeiro, dizendo que era peixe desidratado. Se não tivesse morrido na praga, provavelmente iria para lá agora. E, no entanto, os guardas afirmavam que o peixe desidratado dessa mulher tinha um gosto bom, e sempre o compravam para acompanhar o arroz. Não acho que o que ela fazia era imoral. Se não tivesse feito isso, teria morrido de fome, então, ela apenas fez o que precisava fazer. E essa mulher, que entendia tão bem dessas coisas que precisamos fazer, provavelmente me perdoaria pelo que estou fazendo com ela também.

A velha disse algo nesse sentido.

O servo colocou a espada de volta na bainha e pousou a mão no cabo enquanto ouvia a história dela com antipatia. Por certo, enquanto ouvia, sua mão direita alisava a espinha vermelha cheia de pus em sua bochecha. Enquanto ouvia a história dela, sentiu a coragem que faltara sob o portão momentos antes crescer dentro de si. Isso o conduzia na direção completamente oposta à coragem que tivera quando escalara o portão e agarrara a velha. O servo não estava mais debatendo se morreria de fome ou se tornaria um ladrão. Do jeito que se sentia agora, a ideia de morrer de fome era virtualmente impensável.

— Isso é definitivamente verdade — concordou, zombeteiro, quando ela terminara de falar. Deu um passo à frente e de repente afastou a mão direita da espinha. Agarrando a mulher pela nuca, disse a ela em um tom mordaz: — Bem, então você não vai usar isso contra mim se eu tentar roubar *as suas* roupas. Se não fizer isso, veja você, eu também vou morrer de fome.

O servo habilmente despiu a mulher de seu quimono. Ela tentou se agarrar à perna dele, mas ele a chutou violentamente sobre os cadáveres. O acesso para a escadaria ficava a apenas cinco passos de distância. Em um piscar de olhos, o servo desceu correndo a íngreme escadaria e adentrou a escuridão, levando o quimono vermelho-escuro debaixo do braço.

Por um tempo, a velha permaneceu deitada como se estivesse morta, mas demorou pouco para que erguesse seu corpo nu dos cadáveres. Choramingando, ela rastejou até a escada, à luz de sua tocha ainda acesa. Enfiou a cabeça no acesso à escadaria e olhou para os fundos do portão, seus cabelos brancos e curtos suspensos de cabeça para baixo. Mas lá fora havia apenas a escuridão completa da noite.

Para onde o servo foi, ninguém sabe.

***

Como mencionado anteriormente, existem três finais para esta história.

O final original (na ortografia moderna) é:

"O servo já havia enfrentado a chuva e fugido para Kyoto a fim de começar a trabalhar como ladrão."

Isso foi posteriormente alterado para:

下人は、既既に、雨を冒して、京都の町へ強盗を働きに急いでいた。
com o mesmo significado.

Finalmente, foi alterado para:

下人の行方方は、誰も知らない。

"Para onde o servo foi, ninguém sabe."



Excerpted from:

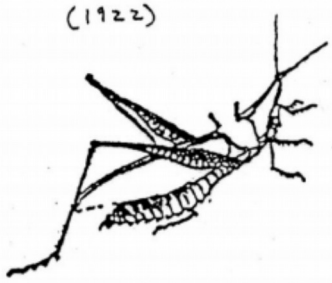
RYUNOSUKE AKUTAGAWA,

RASHOMON AND OTHER STORIES

(1952): 15-28.

IN A GROVE

(1922)



EM UM BOSQUE (1922)

Em um bosque (藪の中, Yabu no Naka) *apareceu pela primeira vez na edição de janeiro de 1922 do jornal mensal* Shinchō *de literatura japonesa. Akira Kurosawa usou essa história como base para o enredo de seu premiado filme de 1950,* Rashōmon*. O trabalho foi classificado pelo The Telegraph em 2014 como uma das 10 maiores narrativas asiáticas de todos os tempos. Trata-se de um conto dos primeiros períodos modernistas, bem como uma mistura da busca modernista por identidade com temas da literatura japonesa histórica e, como tal, talvez seja a obra icônica da carreira de Akutagawa. Ele apresenta relatos variados do assassinato de um samurai, Kanazawa no Takehiro, cujo cadáver foi encontrado em uma floresta de bambu perto de Kyoto. Cada seção simultaneamente esclarece e ofusca o que o leitor sabe sobre o assassinato, eventualmente criando uma visão complexa e contraditória dos eventos, que questiona a capacidade ou vontade da humanidade de perceber e transmitir a verdade objetiva.*

EM UM BOSQUE

O testemunho de um lenhador
questionado por um alto comissário de
polícia

Sim, senhor. Certamente fui eu quem encontrou o corpo. Esta manhã, como de costume, fui cortar minha quota diária de cedros, quando encontrei o corpo em um bosque situado em uma depressão na montanha. A localização exata? A 150 metros da estrada secundária para Yamashina. É um bosque isolado de bambus e cedros.

O corpo estava deitado de costas, vestido com um quimono de seda azulado e uma touca franzida no estilo de Kyoto. Um único golpe de espada perfurara o peito. As lâminas de bambu e as flores caídas ao redor dele estavam manchadas de sangue. Não, o sangue não escorria mais. A ferida havia secado, creio. E também uma mosca esvoaçava rápido por ali, mal notando meus passos.

O senhor me pergunta se eu vi uma espada ou algo assim?

Não, nada, senhor. Encontrei apenas uma corda na raiz de um cedro próximo. E... bem, além de uma corda, encontrei um pente. Isso foi tudo. Aparentemente, ele deve ter lutado antes de ser assassinado, porque a grama e as lâminas de bambu caídas foram pisoteadas por todos os lados.

"Havia um cavalo por perto?"

Não, senhor, já é bastante difícil para um homem entrar, quanto mais para um cavalo.

O testemunho de um sacerdote peregrino
budista questionado por um alto
comissário de polícia

A hora? Certamente, era por volta do meio-dia de ontem, senhor. O infeliz estava na estrada de Sekiyama para Yamashina. Ele caminhava em direção a Sekiyama com uma mulher que o acompanhava a cavalo, a qual soube que era sua esposa. Um lenço pendurado na cabeça dela escondia o rosto de vista. Tudo o que vi foi a cor de sua vestimenta, um traje lilás. Seu cavalo era um alazão com uma bela crina. A altura da senhora? Ah, cerca de um metro e trinta e cinco centímetros. Como sou um sacerdote budista, não dei muita atenção aos seus detalhes. Bem, o

homem estava armado com uma espada, além de um arco e flechas. E lembro claramente que carregava mais de 20 flechas em sua aljava.

Não esperava que tivesse tal destino. A vida genuinamente humana é tão evanescente quanto o orvalho da manhã ou um relâmpago. Minhas palavras são inadequadas para expressar minha simpatia por ele.

O testemunho de um caçador de recompensas[7] questionado por um alto comissário de polícia

O homem que capturei? É um bandido notório chamado Tajōmaru. Quando o prendi, ele havia caído de seu cavalo. Encontrava-se gemendo na ponte em Awataguchi. A hora? Foi nas primeiras horas da noite passada. Para o registro, posso dizer que outro dia tentei capturá-lo, mas ele infelizmente escapou. Vestia um quimono de seda azul escuro e portava uma grande espada lisa. E, como o senhor pode ver, carregava um arco e flechas em algum lugar. O senhor diz que esse arco e essas flechas se parecem com as do morto? Então Tajōmaru deve ser o assassino. O arco enrolado com tiras de couro, a aljava laqueada preta, as 17 flechas com penas de falcão – tudo isso estava em sua posse, creio. Sim, senhor, o cavalo é, como o senhor diz, um alazão com uma bela crina. Um pouco além da ponte de pedra, encontrei o cavalo pastando na beira da estrada, com suas longas rédeas balançando. Certamente há alguma Providência no fato de ter sido arremessado pelo cavalo.

De todos os ladrões que rondam Kyoto, esse Tajōmaru é o que mais tem causado problemas às mulheres da cidade. No outono passado, uma senhora que viera para a montanha situada atrás do Templo de Pindora de Toribe, presumivelmente para fazer uma visita, foi assassinada junto com outra garota. Se este criminoso assassinou o homem, sabe-se lá o que pode ter feito com a esposa dele. Queira sua honra investigar tal problema também.

O testemunho de uma idosa questionada por um alto comissário de polícia

7. No original, *hōmen* (放 免). Ex-prisioneiro que trabalha sob contrato com a polícia, semelhante a um caçador de recompensas.

Sim, senhor, aquele cadáver é do homem que se casou com minha filha. Ele não é de Kyoto. Era um samurai na cidade de Kokufu, na província de Wakasa. Seu nome era Kanazawa no Takehiko e sua idade era 26. Era de temperamento gentil, então tenho certeza de que não fez nada para provocar a ira dos outros.

Minha filha? O nome dela é Masago e sua idade é 19 anos. É uma garota espirituosa e divertida, mas tenho certeza de que nunca conheceu outro homem, exceto Takehiko. Ela tem um rosto pequeno, oval, de pele escura, com uma verruga no canto do olho esquerdo.

Ontem Takehiko partiu para Wakasa com minha filha. Que azar que as coisas tivessem chegado a um fim tão triste! O que aconteceu com minha filha? Estou resignada a dar meu genro como perdido, mas o destino de minha filha me atormenta. Que os deuses não deixem pedra sobre pedra até ser encontrada. Eu odeio aquele ladrão Tajōmaru, ou qualquer que seja seu nome. Não apenas meu genro, mas minha filha... (Suas últimas palavras foram afogadas em lágrimas).

A confissão de Tajōmaru

Eu o matei, mas não ela. Para onde foi? Não sei dizer. Ah, espere um minuto. Nenhuma tortura pode me fazer confessar o que não sei. Agora as coisas chegaram a tal ponto, que não vou esconder nada do senhor.

Ontem, um pouco depois do meio-dia, encontrei o casal. Foi quando uma rajada de vento soprou e ergueu o lenço pendurado, de modo que vislumbrei o rosto dela. Imediatamente, ele ficou novamente coberto de minha vista. Essa pode ter sido uma das razões: ela parecia um *bodhisattva*[8]. Nesse momento, decidi capturá-la, mesmo que precisasse matar seu homem.

Por quê? Para mim, matar não é uma questão de tão grande consequência como o senhor pode imaginar. Quando uma mulher é capturada, seu homem tem que ser morto de qualquer maneira. Ao matar, uso a espada que levo ao meu lado. Sou o único que mata pessoas? Vocês, vocês não usam suas espadas. Vocês matam pessoas com seu poder, com seu dinheiro. Às vezes, vocês as matam sob o pretexto de que é para o bem delas. É verdade que não sangram. Estão em seu melhor estado de saúde, e ainda assim vocês as matam. É difícil dizer quem é maior pecador, vocês ou eu. (Um sorriso irônico.)

Mas seria bom se eu pudesse capturar uma mulher sem matar o seu homem. Decidi capturá-la e fazer o possível para não matá-lo. Isso estava fora de questão na estrada para Yamashina. Então,

8. No budismo, um *bodisatva* ou *bodhisattva* é um ser iluminado. Tradicionalmente, um *bodhisattva* é qualquer pessoa que, movida por grande compaixão, gerou *bodhicitta*, que é o desejo espontâneo de atingir o mesmo status de Buda para o benefício de todos os seres sencientes.

consegui atrair o casal para as montanhas.

Foi muito fácil. Tornei-me seu companheiro de viagem e disse-lhes que existia um antigo túmulo na colina, e que o havia cavado e encontrado muitos espelhos e espadas. Continuei dizendo que enterrara as coisas em um bosque atrás da montanha, e que gostaria de vendê-las por um preço baixo para quem desejasse possuí-las. Então... Veja o senhor, a ganância não é terrível? Ele se deixou levar por minha conversa antes que percebesse. Em menos de meia hora, conduziam seu alazão ao meu lado em direção à colina.

Quando chegamos em frente ao bosque, disse-lhes que os tesouros estavam enterrados por ali e pedi que se aproximassem para ver. O homem não fez objeções – estava cego pela ganância. A mulher falou que esperaria no cavalo. Era natural para ela dizer isso, ao perceber que o bosque era denso. A bem da verdade, meu plano funcionava como eu desejara, então fui para o bosque com ele, deixando-a sozinha.

O bosque é apenas uma touceira de bambus por uma certa distância. Cerca de 50 metros à frente, há um grupo aberto de cedros. Era um local conveniente para o meu propósito. Abrindo caminho pelo bosque, contei-lhe uma mentira plausível de que os tesouros estavam enterrados sob os cedros. Quando lhe falei isso, ele abriu caminho laboriosamente em direção ao cedro delgado visível através do bosque. Depois de um tempo, os bambus ficaram mais esparsos e chegamos a um ponto onde cresciam vários cedros enfileirados. Assim que chegamos lá, agarrei-o por trás. Como se tratava de um guerreiro espadachim treinado, ele era muito forte, mas fora pego de surpresa, então não havia salvação para si. Logo o amarrei à raiz de um cedro. Onde arranjei uma corda? Graças aos deuses, por ser um ladrão, eu levava uma corda comigo, pois talvez precisasse escalar uma muralha a qualquer momento. Claro que foi fácil impedi-lo de gritar, amordaçando sua boca com folhas de bambu.

Quando me livrei dele, dirigi-me à sua mulher e pedi que fosse vê-lo, porque parecia ter ficado indisposto repentinamente. Nem preciso dizer que esse plano também funcionou bem. A mulher retirou o chapéu de junças e acompanhou-me até o interior do bosque, por onde eu lhe conduzia pela mão. No instante em que avistou seu marido, ela desembainhou uma pequena espada. Nunca vi uma mulher de temperamento tão violento. Se estivesse desprevenido, teria levado uma estocada na lateral do corpo. Esquivei-me, mas ela continuou golpeando. Poderia ter me ferido gravemente ou me matado. Mas eu sou Tajōmaru. Consegui derrubar sua pequena espada sem desembainhar a minha. Até a mulher mais vigorosa fica indefesa sem uma arma. Pelo menos, eu poderia satisfazer meu desejo por ela sem tirar a vida do marido.

Sim... Sem tirar a vida dele. Eu não tinha vontade de matá-lo. Estava prestes a fugir do bosque, deixando a mulher para trás em lágrimas, quando ela se agarrou freneticamente ao meu braço. Em

fragmentos de palavras, pediu que eu matasse ou seu marido ou a mim mesmo. Afirmou que era mais doloroso do que a morte ter sua vergonha conhecida por dois homens. Engasgou, dizendo que desejava ser a esposa de qualquer um dos sobreviventes. Então, um desejo furioso de matá-lo se apoderou de mim. (Sombria excitação.)

Dizendo-lhe desta forma, sem dúvida pareço um homem mais cruel do que o senhor. Mas é porque o senhor não viu o rosto dela. Especialmente seus olhos ardentes naquele momento. Como eu a vi cara a cara, queria torná-la minha esposa mesmo que fosse atingido por um raio. Eu queria torná-la minha esposa... este único desejo preenchia minha mente. Não era apenas luxúria, como o senhor pode pensar. Naquela ocasião, se não tivesse outro desejo além de luxúria, certamente não teria me importado em derrubá-la e fugir. Assim não teria manchado minha espada com o sangue dele. Mas no momento em que olhei para o rosto dela no bosque escuro, decidi não sair de lá sem matá-lo.

Não queria, porém, recorrer a meios injustos para matá-lo. Desamarrei-o e disse-lhe para cruzar espadas comigo. (A corda encontrada na raiz do cedro é a mesma que abandonei nesse momento.) Furioso, ele desembainhou sua longa espada. E, rápido como o pensamento, saltou sobre mim ferozmente, sem dizer uma única palavra. Não preciso mencionar como nossa luta acabou. O vigésimo terceiro golpe... por favor, lembre-se disso. Ainda estou impressionado com o fato. Ninguém sob o sol jamais lutou de espadas comigo por vinte golpes. (Um sorriso alegre.)

Quando ele caiu, virei-me para ela, baixando minha espada manchada de sangue. Mas, para meu grande espanto, ela havia sumido. Perguntei-me para onde fugira. Procurei por ela na moita de cedros. Escutei, porém ouvi apenas um gemido vindo da garganta do moribundo.

Assim que começamos a lutar, ela pode ter fugido pelo bosque para pedir ajuda. Quando pensei nisso, decidi que era uma questão de vida ou morte para mim. Então, roubando-lhe a espada, o arco e as flechas, corri para a estrada da montanha. Lá, encontrei o cavalo dela ainda pastando tranquilamente. Seria um mero desperdício de palavras contar a vocês os detalhes posteriores, mas, antes de entrar na cidade, eu já despedaçara a espada. Esta é toda minha confissão. Sei que ficarei preso pelo pescoço de qualquer maneira, então me executem, para que eu receba a pena máxima. (Uma atitude desafiadora.)

A confissão[9] de uma mulher que apareceu

9. Ao contrário do que algumas versões da história em línguas estrangeiras podem sugerir, Masago não confessa à polícia. Isso fica claro na versão japonesa do texto. O título desta seção é: 「清水寺 に 来 れ る 女 の 懺悔」 (*kiyomizu-dera ni kitareru onna no zange*, traduzido no inglês por Giles Murray como *A confissão da mulher visitante do templo de Kiyomizudera*). A palavra 懺悔 (*zange*) é frequentemente traduzida como "confissão", mas a palavra também tem fortes conotações religiosas, semelhantes a "arrependimento" ou "penitência". Embora

no templo de Kiyomizu

Aquele homem de quimono de seda azul, depois de me forçar a ceder a ele, riu zombeteiramente enquanto olhava para meu marido, amarrado. Como meu marido deve ter ficado horrorizado! Mas não importava o quanto lutasse em agonia, a corda atava ainda mais firme suas mãos. Apesar de tudo, corri cambaleante para o seu lado. Ou melhor, tentei correr em direção a ele, mas o homem instantaneamente me derrubou. Nesse exato momento, vi uma luz indescritível nos olhos do meu marido. Algo além da expressão... Seus olhos me fazem estremecer até agora. Aquele olhar instantâneo do meu marido, que não conseguia falar sequer uma palavra, contou-me tudo o que seu coração sentia. O brilho em seus olhos não era nem de raiva nem de tristeza... apenas uma luz fria, um olhar de repugnância. Mais impressionada pelo olhar do que pelo golpe do ladrão, gritei sem querer e tombei inconsciente.

Com o passar do tempo, recuperei a consciência e descobri que o homem de seda azul tinha sumido. Só vi meu marido ainda amarrado à raiz do cedro. Levantei-me das lâminas de bambu com dificuldade e olhei em seu rosto, mas a expressão em seus olhos era a mesma de antes.

Por baixo do frio desprezo em seus olhos, havia ódio. Vergonha, tristeza e raiva... Não sei como expressar meu coração naquela hora. Levantando-me cambaleante, fui até ele.

"Takejiro", falei, "já que as coisas chegaram a este ponto, não posso viver com você. Estou decidida a morrer... mas você deve morrer também. Você viu minha vergonha. Não posso deixá-lo vivo."

Isso foi tudo o que pude dizer. Mesmo assim, ele continuava olhando para mim com ódio e desprezo. Meu coração se partiu, e procurei sua espada. Ela deve ter sido levada pelo ladrão. Nem sua espada, nem seu arco e suas flechas estavam no bosque. Mas, felizmente, minha pequena espada se encontrava aos meus pés. Erguendo-a acima da cabeça, mais uma vez eu disse: "Agora dê-me sua vida. Vou segui-lo imediatamente."

Quando ouviu essas palavras, ele moveu os lábios com dificuldade. Como sua boca estava cheia de folhas, é claro que sua voz não podia ser ouvida. Mas, à primeira vista, entendi suas palavras. Desprezando-me, seu olhar dizia apenas: "Mate-me." Nem consciente nem inconsciente, enfiei a pequena espada através do quimono lilás em seu peito.

Mais uma vez, devo ter desmaiado. Quando consegui erguer os olhos, ele já havia dado seu último suspiro – ainda amarrado. Um raio de sol poente atravessou a touceira de cedros e bambus e brilhou em seu rosto pálido. Engolindo meus soluços, desamarrei a corda de seu cadáver. E... E o

---

possa significar "confessar a outras pessoas", quase sempre significa "confessar a Buda / Deus". Compare isso com a confissão de Tajōmaru à polícia, referida como 白状 (*hakujō*) no texto. Jay Rubin traduziu o título da seção para *Confissão penitente de uma mulher no templo de Kiyomizu*.

que aconteceu comigo não tenho mais forças para contar. De qualquer forma, não tive forças para morrer. Golpeei minha própria garganta com a pequena espada, joguei-me em um lago no sopé da montanha e tentei me matar de muitas maneiras. Incapaz de pôr um fim à minha vida, ainda estou vivendo em desonra. (Um sorriso solitário.) Por mais inútil que seja, devo ter sido abandonada até pela mais misericordiosa Kwannon[10]. Matei meu próprio marido. Fui violada pelo ladrão. O que posso fazer? O que posso... Eu... (Gradualmente, soluços violentos.)

A história do homem assassinado,
contada através de um médium

Após violar minha esposa, o ladrão, sentado ali, começou a falar palavras de consolo para ela. É claro que eu não conseguia falar. Meu corpo todo estava amarrado à raiz de um cedro. Mas, enquanto isso, pisquei para ela várias vezes, como dizendo: "Não acredite no ladrão". Eu queria transmitir esse significado a ela. Mas minha esposa, apática, sentada sobre as folhas de bambu, olhava fixamente para o colo. Ao que tudo indicava, ela ouvia suas palavras. Fiquei agoniado de ciúme. Nesse ínterim, o ladrão continuou com sua conversa fiada, de um assunto para outro. Finalmente, ele fez sua ousada e descarada proposta. "Já que sua virtude está manchada, já que você não vai se entender bem com seu marido, então não quer ser minha esposa? É o meu amor por você que me impeliu a ser violento."

Enquanto o criminoso falava, minha esposa ergueu o rosto como se estivesse em transe. Ela nunca estivera tão bonita como naquele momento. O que minha linda esposa disse em resposta a ele enquanto eu estava sentado e amarrado ali? Estou perdido no espaço, mas nunca pensei em sua resposta sem queimar de raiva e ciúme. Realmente, ela disse: "Então me leve com você aonde quer que você vá."

Este não é todo o seu pecado. Se fosse apenas isso, eu não estaria tão atormentado nas trevas. Enquanto saía do bosque, como em um sonho, sua mão com a do ladrão, ela de repente ficou pálida e apontou para mim, amarrado à raiz do cedro, e disse: "Mate-o! Não posso me casar com você enquanto ele viver. Mate-o!", ela gritou muitas vezes, como se tivesse enlouquecido. Mesmo agora, tais palavras ameaçam me jogar de cabeça no abismo sem fundo das trevas. Será que algo tão odioso assim já saiu de uma boca humana antes? Será que tais palavras amaldiçoadas já atingiram o ouvido humano, mesmo que uma única vez? Será que... (Um grito repentino de

10. Contraparte japonesa da divindade Kuan Yin. Deusa da misericórdia. Divindade que recusou o descanso do Nirvana para salvar a alma dos homens.

desprezo.) Com essas palavras, o próprio ladrão empalideceu. "Mate-o", ela gritou, agarrando-se a seus braços. Olhando fixamente para ela, ele não respondeu nem sim nem não... mas eu mal tinha pensado em sua resposta antes que ela fosse jogada nas folhas de bambu. (Novamente um grito de desprezo.) Cruzando os braços tranquilamente, ele olhou para mim e disse: "O que você vai fazer com ela? Matá-la ou salvá-la? Você só precisa acenar com a cabeça. Matá-la?" Só por essas palavras, eu gostaria de perdoar seu crime.

Enquanto eu hesitava, ela gritou e correu para as profundezas do bosque. O ladrão imediatamente a agarrou, mas não conseguiu segurá-la pela manga.

Depois que ela fugiu, ele pegou minha espada, o arco e as flechas. Com um único golpe, cortou uma das minhas amarras. Lembro-me de seu murmúrio: "Meu destino é o próximo." Então, desapareceu do bosque. Tudo ficou em silêncio após isso. Não, eu ouvi alguém chorando. Desatando o resto das minhas amarras, escutei com atenção e percebi que era meu próprio choro. (Longo silêncio.)

Levantei meu corpo exausto da raiz do cedro. Na minha frente, brilhava a pequena espada que minha esposa deixara cair. Eu a peguei e apunhalei no meu peito. Um caroço de sangue subiu à minha boca, mas não senti nenhuma dor. Quando meu peito esfriou, tudo ficou tão silencioso como os mortos em seus túmulos. Que silêncio profundo! Nem um único trinado de pássaros era ouvido no céu sobre esse túmulo na depressão das montanhas. Apenas uma luz solitária pairava sobre os cedros e as montanhas. Aos poucos, a luz ficou cada vez mais fraca, até que os cedros e os bambus se perderam de vista. Deitado ali, fui envolvido por um profundo silêncio.

Então, alguém se aproximou furtivamente de mim. Tentei ver quem era. Mas a escuridão já se formava ao meu redor. Alguém... Esse alguém puxou suavemente a pequena espada de meu peito com sua mão invisível. Ao mesmo tempo, o sangue fluiu novamente em minha boca. E, de uma vez por todas, eu afundei na escuridão do espaço

Análise de *Em um bosque*

A análise abaixo encontra-se no verbete *In a grove*, da Wikipedia em língua inglesa, e se origina das seguintes premissas:

– Takehiro está morto, assassinado por uma facada no peito.
– Tajōmaru violentou Masago.
– Tajōmaru roubou o arco e a aljava de Takehiro, bem como o cavalo da mulher.
– Em cada um dos relatos, Masago deseja a morte de Takehiro, embora os detalhes variem.
– Masago e Tajōmaru não partiram juntos.

As diferenças entre as histórias dos personagens variam do trivial ao fundamental. A seguir, uma lista de discrepâncias entre os testemunhos dos personagens.

– O pente citado pelo lenhador não é citado por nenhum dos outros personagens.
– A "luta violenta" que pisoteava as folhas, mencionada pelo lenhador, parece ocorrer apenas na versão da história de Tajōmaru – o duelo de espadas.
– O lenhador afirma que Takehiro usava um chapéu no estilo de Kyoto chamado *sabi-eboshi*, mas a mãe de Masago afirma que ele não era de Kyoto. Sabemos que o autor queria dar significado a esse fato, porque utilizou especificamente o investigador de polícia para que perguntasse se Takehiro era de Kyoto.
– O sacerdote peregrino diz que "lembra claramente que havia mais de 20 flechas na aljava" do homem. O caçador de recompensas afirma que eram apenas 17.
– Nos relatos de Tajōmaru e Takehiro, Masago e Tajōmaru têm uma longa conversa depois do estupro, após a qual ela está disposta a partir com Tajōmaru, desde que seu marido seja executado. O relato de Masago omite isso completamente.
– Masago diz que Takehiro sentiu repulsa por ela após o estupro. Isso não é verdade de acordo com os outros relatos. Pela história de Takehiro, fica claro que ele está furioso com ela, mas ele afirma que é porque ela pediu a Tajōmaru para matá-lo. Na versão de Tajōmaru, ele ainda a ama tanto que está disposto a lutar até a morte por ela.
– Takehiro apresenta um personagem novo e improvável: a pessoa que roubou a adaga de seu peito, convenientemente, poucos segundos antes de sua morte. (O filme *Rashōmon,* de Kurosawa, explica isso ao fazer o lenhador admitir mais tarde ter roubado a adaga, mas essa confissão não está presente na história original. Na verdade, não é o que o testemunho do lenhador mostra,

porque ele menciona que todo o sangue havia secado e Takehiro afirma que quando a pequena espada foi retirada de seu peito, "o sangue fluiu novamente em minha boca".)

– Masago e Takehiro afirmam que Tajōmaru a derrubou violentamente após o estupro. Tajōmaru diz que seu desejo de fazer de Masago sua esposa o forçou a lutar contra Takehiro em vez de derrubar a mulher e fugir.

Em suma, cada personagem afirma pelo menos uma coisa que é refutada por outro.

SENNIN (1922)

O título original da história, Sennin*, o qual optamos por manter neste e-book, é uma palavra emprestada do chinês (mandarim* xiānrén*), escrita com caracteres que sugerem um eremita da montanha. Uma combinação anterior, no entanto, indica alguém que, como Gonsuke, pode voar para os céus. O termo se originou no taoismo, mas também passou a ser usado em um sentido budista, tendo o próprio budismo, por sua vez, influenciado o taoismo. Pode-se traduzi-lo como "imortal", contudo, "mago" é mais inclusivo. Além disso, é amplamente transcultural, evocando várias figuras populares da cultura ocidental, que vão de Merlin e Fausto a Gandalf e Yoda. No período Edo, Gonsuke era um nome masculino tão comum que se tornou um termo quase genérico. Em teoria, Gonsuke pertence à segunda classe social mais alta: a dos fazendeiros, ficando abaixo do samurai, porém acima dos artesãos e comerciantes. Na verdade, como fica claro pela história, ele tem um status humilde e, sem dúvida, fugia das adversidades no campo para buscar fortuna na grande cidade comercial de Osaka.*

SENNIN

Bem, estimados leitores, estou agora em Ōsaka e, portanto, contarei uma história local.

Há muito tempo, um homem veio à cidade em busca de emprego como criado. Visto que se classificava entre os ajudantes de cozinha, era conhecido apenas pelo nome genérico de Gonsuke.

Gonsuke atravessou a cortina na entrada de uma agência que anunciava *colocação em qualquer trabalho* e falou com o atendente, sentado no topo do estrado da recepção com um longo cachimbo de bambu na boca.

— Senhor, eu gostaria muito de me tornar um *sennin*[11] e, portanto, imploro que me designe a um empregador adequado para tal fim.

Como o atônito funcionário não respondeu imediatamente, Gonsuke continuou:

— Senhor, não me ouviu? Desejo ser enviado para me tornar um *sennin*.

— Lamento dizer, meu bom homem — respondeu o atendente por fim, ainda fumando seu cachimbo —, que, como não temos experiência anterior em mediar o trabalho de aspirantes a *sennin*, devo humildemente sugerir que você procure outro lugar.

— Ah, mas senhor — protestou Gonsuke, parecendo muito descontente, enquanto avançava sobre os joelhos de suas calças azul-acinzentadas. — O que o senhor diz não é contrário ao que seu estimado estabelecimento proclama em sua cortina de entrada? ‘Colocação em qualquer trabalho’… A sua reivindicação é válida? Ou é enganosa e falsa?

Gonsuke realmente tinha motivos para se exaltar.

— Ah, não, o que dizemos é verdade. Se o que você procura é um cargo através do qual possa se tornar um *sennin*, examinarei devidamente o assunto neste mesmo dia. Volte amanhã para receber nossa resposta.

Dessa forma, o atendente acedeu ao pedido de Gonsuke, mesmo quando tentava evitá-lo. Como saberia, entretanto, para onde enviar um homem que desejava aprender os segredos de um *sennin*? Assim, logo que Gonsuke sumiu de vista, ele saiu para consultar um médico da vizinhança.

— E então, doutor? — perguntou em tom preocupado, depois de lhe contar a história. — Para onde poderíamos enviá-lo a fim de se tornar um *sennin*?

O médico também deve ter ficado perplexo. Por algum tempo, permaneceu sentado com os braços cruzados, apenas olhando para o pinheiro em seu jardim. Ouvindo a conversa estava sua astuta esposa, cujo apelido era apropriadamente Velha Raposa. Ela intrometeu-se sem hesitação:

---

11. Segundo a tradição, o sennin é um ermitão sagrado que vive no coração de uma montanha e tem poderes mágicos como voar, além de desfrutar de extrema longevidade.

— Envie-o para nós. Dentro de dois ou três anos sob nossos cuidados, ele certamente se tornará um *sennin* para que todos vejam.

— Ah, estou muito feliz em ouvir isso e, com muita gratidão, devo confiá-lo a vocês. De alguma forma, a intuição me informou sobre o vínculo cármico entre médicos e aspirantes a *sennin*.

Com reverências ardentes e repetidas, o funcionário se despediu em sua felicidade ignorante. O médico o observou partir. Então, ainda carrancudo, virou-se exasperado para a esposa:

— Que completo absurdo! — repreendeu. — E o que, por favor, diga-me, você pretende fazer quando, em poucos anos, esse caipira reclamar que não cumprimos nenhuma das promessas que fez a ele?

Longe de aceitar a repreensão, a mulher respondeu com desdém:

— Segure a língua! Que chance teria gente como você, idiota honesto, de se manter alimentada neste mundo impiedoso?

E, assim, ela o silenciou.

No dia seguinte, conforme prometido, o balconista voltou, desta vez com o rústico Gonsuke, que agora vestia *haori* e *hakama*[12] – bem ciente, ao que parecia, de que faria sua iniciação, embora, na verdade, ninguém fosse capaz de confundi-lo com outra coisa que não um camponês. Era uma visão realmente estranha: o médico olhava para ele como se o homem fosse um animal almiscarado das Índias.

— Então você deseja se tornar um *sennin* — disse o médico, com ar cético. — O que foi que induziu essa sua ambição?

— Bem, não tenho muito a dizer. Mas, quando vi pela primeira vez o Castelo[13], ocorreu-me que até o Grande Senhor[14], que lá reside, deverá morrer algum dia. Que podemos viver suntuosamente, mas ainda assim retornaremos ao pó, como ocorre com todos. Em suma: que toda nossa vida é um sonho passageiro... justamente o que senti nesse instante.

— Então, você fará qualquer coisa para se tornar um mago? — A astuta esposa do médico interveio prontamente.

— Sim, de fato, estou pronto para fazer o que for necessário.

— Muito bem. A partir deste momento, pelos próximos vinte anos, você trabalhará para nós. E ensinaremos a você a arte dos *sennin*.

— Ah, senhora. Fico muito agradecido por isso.

---

12. *Haori* e *hakama* são duas partes da moda tradicional com uma longa história no Japão, vistos em festivais e cerimônias. *Haori* é um casaco leve usado sobre o quimono, e *hakama* é um quimono parecido com uma calça.
13. Castelo de Osaka, um dos castelos mais famosos do país, cuja construção foi iniciada em 1583.
14. Refere-se a Toyotomi Hideyoshi, que unificou o Japão no final do século XVI.

— Porém, durante todo esse tempo, você não receberá um único centavo como recompensa.

— Sim, senhora. Estou de acordo.

E assim, nos vinte anos seguintes, Gonsuke trabalhou na casa do médico. Ele tirava água do poço; cortava lenha; cozinhava e limpava. Além disso, quando o médico fazia suas visitas, era Gonsuke quem carregava a grande caixa de remédios. Nem uma única vez reivindicou salário, nem mesmo uma única moeda, tornando-se um criado mais precioso do que se poderia encontrar em todo o Japão.

Finalmente, as décadas se passaram. Novamente vestido com um *haori*, Gonsuke se apresentou aos patrões e gentilmente expressou seus agradecimentos.

— E agora eu imploraria que vocês cumprissem a promessa repetida frequentemente e me revelassem como poderia aprender a arte dos *sennin* e alcançar a imortalidade.

O médico ouviu Gonsuke em silêncio taciturno. Tendo trabalhado com o homem por tanto tempo sem pagamento, ele não ousava confessar, naquele momento, que não possuía conhecimento algum sobre o segredo dos *sennin*.

Sua resposta foi brusca e desdenhosa: — É minha esposa quem pode te ensinar.

A mulher, por sua vez, falou com uma autoconfiança implacável:

— Vou lhe ensinar a arte e, em troca, você deve fazer tudo o que eu mandar, por mais difícil que seja a tarefa. Caso contrário, não só terá negado o que procura, mas também será obrigado a realizar mais vinte anos de trabalho sem remuneração, com a morte como punição caso não cumpra.

— Por favor, coloque-me em meu dever, por mais assustador que seja! — respondeu o exultante Gonsuke, enquanto esperava suas ordens.

— Então suba no pinheiro do jardim!

Desconhecendo por completo os segredos, a esposa sem dúvida pensava que, ao designar tarefas impossíveis para Gonsulke, poderia extrair dele mais vinte anos de serviço. E, mesmo assim, ao ouvir a ordem, ele imediatamente começou a escalar a árvore.

— Continue! — Ela gritava, olhando para o pinheiro da beira da varanda. — Mais alto, mais alto! — O *haori* de Gonsuke esvoaçava bem no topo da imponente árvore no jardim.

— Agora solte sua mão direita!

Gonsuke, lenta e cautelosamente, fez o que lhe foi dito, mantendo sua mão esquerda agarrada firme a um galho grosso.

— Solte também a outra mão!

Agora o marido se juntava a ela na varanda, exclamando com um olhar perturbado: — Pare, mulher! Se soltar as duas mãos, o caipira vai cair nas pedras e, tão certo como sou médico, será o

seu fim.

— Não é sua vez de se apresentar no palco, querido. Deixe para mim… Solte sua mão esquerda!

Gonsuke não esperou que ela terminasse. Resolutamente, soltou a mão. Dali, entre os galhos mais altos, não havia razão para ele não mergulhar no chão. Instantaneamente, Gonsuke e seu *haori* se desprenderam da árvore.

E logo... Logo... Mas o que era aquilo? Gonsuke não caiu! Ele se deteve no ar! Como uma marionete sustentada por cordas invisíveis, ficou suspenso na luz brilhante do meio-dia.

— Obrigado! Obrigado! — Gonsuke gritou. — Finalmente, e tudo graças a vocês, eu realmente me tornei um *sennin*!

Curvando-se em reverência, ele caminhou suavemente pelo céu azul até se transformar em um pontinho e desaparecer entre as nuvens.

O destino do médico e de sua esposa é desconhecido, embora o pinheiro do jardim tenha durado por anos. Diz-se que, embora o tronco sozinho tivesse quatro braças de circunferência, Yodoya Tatsugorō[15] se deu ao trabalho de transferi-lo para seu próprio jardim, para que no inverno pudesse contemplar seus galhos cobertos de neve.

15. A menção de Yodoya Tatsugorō nos diz que o cenário da história é o século XVII. Yodoya era um comerciante extraordinariamente rico, cuja extravagância levou o xogunato a confiscar sua riqueza e enviá-lo para o exílio em 1705.

RYŪNOSUKE AKUTAGAWA



Ryūnosuke Akutagawa (芥 川 龍之介, Akutagawa Ryūnosuke, 1 de março de 1892 - 24 de julho de 1927), nome artístico Chōkōdō Shujin (澄江 堂主 人), foi um escritor japonês ativo no período Taishō no Japão. É considerado o "pai do conto japonês", e o principal prêmio literário do país, o Prêmio Akutagawa, leva seu nome. Ele cometeu suicídio aos 35 anos, por overdose de Veronal.

Vida pregressa

Ryūnosuke Akutagawa nasceu no distrito de Kyōbashi, em Tóquio, o terceiro filho do pai Toshizō Nīhara e da mãe Fuku Akutagawa. Sua mãe padeceu de transtornos mentais logo após seu nascimento, então ele foi adotado e criado por seu tio materno, Dōshō Akutagawa, de quem recebeu o sobrenome. Interessou-se pela literatura clássica chinesa desde cedo, bem como pelas obras de Mori Ōgai e Natsume Sōseki.

Entrou na Primeira Escola Secundária em 1910, desenvolvendo relacionamentos com colegas de classe como Kan Kikuchi, Kume Masao, Yūzō Yamamoto e Tsuchiya Bunmei, todos os quais se tornariam autores mais tarde. Começou a escrever depois de entrar na Universidade Imperial de Tóquio em 1913, onde estudou literatura inglesa.

Ainda estudante, propôs casamento a uma amiga de infância, Yayoi Yoshida, mas sua família adotiva não aprovou a união. Em 1916, ficou noivo de Fumi Tsukamoto, com quem se casou em 1918. Eles tiveram três filhos: Hiroshi Akutagawa (1920–1981) foi um ator, Takashi Akutagawa

(1922–1945) foi morto como um estudante recrutado na Birmânia e Yasushi Akutagawa (1925–1989) foi um compositor.

Após a formatura, lecionou brevemente na Escola de Engenharia Naval em Yokosuka, Kanagawa, como instrutor de inglês, antes de decidir devotar todos os seus esforços à escrita.

Carreira literária

Em 1914, Akutagawa e seus ex-amigos do ensino médio reviveram o jornal literário Shinshichō ("Novas Correntes de Pensamento"), publicando traduções de William Butler Yeats e Anatole France junto com suas próprias obras. Akutagawa publicou seu segundo conto, *Rashōmon*, no ano seguinte, na revista literária Teikoku Bungaku ("Literatura Imperial"), ainda estudante. A história, baseada em um conto do século XII, não foi bem recebida pelos amigos de Akutagawa, que a criticaram extensivamente. No entanto, Akutagawa reuniu coragem para visitar seu ídolo, Natsume Sōseki, em dezembro de 1915, para os sarais literários semanais de Sōseki. Em novembro, publicou seu conto *Rashōmon* na Teikoku Mongaku, uma revista literária. No início de 1916, publicou *Hana* (*O nariz*, 1916), que recebeu uma carta de elogio de Sōseki e garantiu a Akutagawa o seu primeiro gosto da fama.

Foi também nessa época que começou a escrever *haikai* sob o *haigo* (pseudônimo) Gaki. Akutagawa seguiu com uma série de contos ambientados no período Heian, período Edo ou início do período Meiji no Japão. Essas histórias reinterpretavam obras clássicas e incidentes históricos. Exemplos dessas histórias incluem: *Gesaku zanmai* (*A sorte na escrita de novelas populares*, 1917) e *Kareno-shō* (*Comentário sobre o campo desolado para Bashou*, 1918), *Jigoku hen* (*Tela do Inferno*, 1918); *Hōkyōnin no shi* (*O mártir*, 1918) e *Butōkai* (*O baile*, 1920). Akutagawa foi um forte oponente do naturalismo. Publicou *Mikan* (*Tangerinas*, 1919) e *Aki* (*Outono*, 1920), que têm configurações mais modernas.

Em 1921, Akutagawa interrompeu sua carreira de escritor para passar quatro meses na China, como repórter do Osaka Mainichi Shinbun. A viagem foi estressante e ele sofreu de várias doenças, das quais sua saúde nunca se recuperaria. Pouco depois de seu retorno, publicou *Yabu no naka* (*Em um bosque*, 1922). Durante a viagem, Akutagawa visitou diversas cidades do sudeste da China, incluindo Nanquim, Xangai, Hangzhou e Suzhou. Antes disso, escrevera o conto *Nankin no Kirisuto* (*O Cristo em Nanquim,* 1920), concernente à comunidade cristã chinesa, de acordo com sua própria imaginação de Nanquim influenciada pela literatura clássica chinesa.

Influências

As histórias de Akutagawa foram influenciadas por sua crença de que a prática da literatura

deve ser universal e pode reunir as culturas ocidental e japonesa. Isso pode ser visto na maneira como Akutagawa usa obras existentes de uma variedade de culturas e períodos de tempo e reescreve a história com sensibilidades modernas ou cria novas histórias usando ideias de várias fontes. A cultura e a formação de uma identidade cultural também são temas importantes em muitas de suas obras. Nessas narrativas, ele explora a formação da identidade cultural durante os períodos da história em que o Japão foi mais aberto a influências externas. Um exemplo disso é sua história Hōkyōnin no Shi (*O mártir*, 1918), que se passa no início do período missionário.

O retrato feminino nas narrativas de Akutagawa foi moldado pela influência de três mulheres que atuaram como mães para ele. Mais significativamente, sua mãe biológica Fuku, de quem ele se preocupava em herdar sua doença mental. Embora não passasse muito tempo com Fuku, ele se identificava fortemente com ela, acreditando que, se a qualquer momento viesse a enlouquecer, a vida não teria sentido. Sua tia Fuki desempenhou o papel mais significativo em sua educação. Fuki controlava grande parte da vida de Akutagawa, exigindo muito de sua atenção, especialmente conforme envelhecia. As mulheres que aparecem nas histórias de Akutagawa, assim como as mulheres que ele identificou como mães, eram descritas em sua maioria como dominadoras, agressivas, enganosas e egoístas. Por outro lado, os homens eram frequentemente representados como vítimas de tais mulheres, como em *Kesa to Morito* (*Kesa e Morito*, 1918), em que a personagem feminina principal tenta controlar as ações de seu amante e seu marido.

Vida posterior

A fase final da carreira literária de Akutagawa foi marcada pela deterioração de sua saúde física e mental. Grande parte de seu trabalho durante esse período é distintamente autobiográfico, alguns até retirados diretamente de seus diários. Suas obras durante este período incluem *Daidōji Shinsuke no hansei* (*A vida pregressa de Daidōji Shinsuke*, 1925) e *Tenkibo* (*Registro de óbito*, 1926).

Akutagawa teve uma disputa amplamente divulgada com Jun'ichirō Tanizaki sobre a importância da estrutura *versus* o lirismo na história. Akutagawa argumentava que a estrutura, como a história fora contada, era mais importante do que o conteúdo ou o enredo, enquanto Tanizaki argumentava o contrário.

Os trabalhos finais de Akutagawa incluem *Kappa* (1927), uma sátira baseada em uma criatura do folclore japonês, *Haguruma* (*Roda dentada*, 1927), *Aru ahō no isshō* (*A vida de um idiota*, 1927) e *Bungeiteki na, amari ni Bungeiteki na* (*Literário, literário demais*, 1927).

Perto do fim de sua vida, Akutagawa começou a sofrer de alucinações visuais e ansiedade por medo de ter herdado o transtorno mental de sua mãe. Em 1927, tentou o suicídio, junto com um

amigo de sua esposa, mas a tentativa falhou. Posteriormente, cometeu suicídio com sucesso após tomar uma overdose de Veronal, que havia sido dada a ele por Saito Mokichi em 24 de julho do mesmo ano. Suas últimas palavras em seu testamento afirmavam que ele sentia uma "vaga insegurança" (ぼ ん や り し た 不安, *bon'yari shita fuan*) sobre o futuro. Ele tinha 35 anos.

Legado

Akutagawa escreveu mais de 150 contos durante sua breve vida. O clássico filme de Akira Kurosawa, *Rashōmon* (1950), é uma adaptação de *Em um bosque*. Já o título e as cenas ambientadas no Portão de Rashomon são retirados de seu conto homônimo. A compositora ucraniana Victoria Poleva escreveu o balé *Gagaku* (1994), baseado em *Tela do Inferno*. O compositor japonês Mayako Kubo escreveu uma ópera chamada *Rashomon*. A versão em alemão estreou em Graz, Áustria, em 1996, e a versão japonesa em Tóquio, no ano 2002.

Em 1935, o amigo de longa data de Akutagawa, Kan Kikuchi, estabeleceu o prêmio literário para novos escritores, o Prêmio Akutagawa, em sua homenagem.

DIEGO QUADROS



Diego Quadros é escritor de ficção, tradutor, fundador, editor e colaborador do selo Ficções Pulp!

O SELO FICÇÕES PULP!

FICÇÕES PULP! é um selo digital que tem por objetivo trazer ao Brasil obras em domínio público, inéditas ou pouco conhecidas, de autores clássicos da literatura fantástica internacional mediante traduções exclusivas, além de incentivar, através da publicação independente, autores brasileiros contemporâneos.

OUTRAS PUBLICAÇÕES



Fantasia Pulp! nº 1 |

Neste primeiro volume da série *Fantasia Pulp!*, procuramos oferecer subgêneros variados da fantasia, não raro assimilada como um gênero exclusivamente atrelado a elementos medievais. Na presente edição, claro, vocês encontrarão elfos, anões, orcs e personagens do tipo, porque é divertido ler e escrever sobre eles, mas também terão a oportunidade de apreciar historias que lidam com mitos gregos, fábulas esopianas, tramas diabólicas e duendes sequestradores. Enfim, um apanhado de pensamentos bizarros que habitam a imaginação dos escritores deste selo literário.

Querem uma prova? Confiram as premissas das narrativas deste e-book:

Na fábula **"O gênio boa-gente do príncipe regente"**, vocês acompanharão Löwe, o príncipe regente do Platô do Sol Ausente, em uma pesquisa inusitada: descobrir quão verdadeiro é o respeito que os seus súditos têm por ele. Para tanto, o monarca estaria disposto até mesmo a procurar os serviços geniosos do corvo das Escápulas do Diabo – que não costumam sair nada baratos.

Em **"Hugo e a arraia"**, escrita em dupla por Anderson Rodrigues e Carol DerMond, o passeio de Hugo pela praia deveria ajudá-lo a se distrair de seu luto. Mas uma conversa sobre o sentido da

vida com um esqueleto de arraia era a última coisa que esperava.

Já em **“Carry me”**, de Alessandra Galvão, após ser atacado por um terrível inimigo, Fëanor, outrora conhecido como o General do Exército Negro, sucumbe diante de uma morte iminente. Porém, seus companheiros estarão ao seu lado para encontrar o único meio de salvá-lo.

“Feitiço”, de Karina Cruz, narra a história de Arthur, que é atacado na saída do trabalho e acorda em um mundo totalmente diferente. O maior problema é que ele está preso numa jaula de frente para o próprio corpo.

“Yrch!”, de Bruno Dunkel Schwarz: numa terra onde o “bem” venceu, os orcs que sobreviveram à matança infligida por homens e elfos, refugiam-se numa ilha onde existe pouco mais além de pó. O tempo passa, mas a nova era dos elfos, raça que se autointitula superior, provocará movimentações rumo à ilha esquecida, quem sabe mudanças revolucionárias.

Em **“O abismo entre nós”**, de Carol DerMond, Sarya tem uma vida infeliz, devastada pela guerra. Porém decisão de não matar uma inimiga quando teve a chance muda tudo — talvez até o futuro de seus povos.

Fabiana Souza, em **“Os amantes eternos”**, menciona a noite dos mortos, na qual uma jovem viúva invoca uma criatura arquetípica para encontrar-se novamente com seu amado.

Finalmente, em **“Burn, baby, burn (Disco Inferno)”**, de Diego Quadros, no intuito de impressionar a quase namorada Lúcia, Miguel aceita conhecer uma nova discoteca com a fama de ser... *caliente*.

Coleções Pulp! é a série do FP! que apresenta antologias divididas entre os principais gêneros da ficção especulativa, fantasia, horror e ficção científica, e suas inúmeras ramificações.



Horror Pulp! n° 1

Neste volume de estreia de *Horror Pulp!*, apresentamos a vocês, leitores, narrativas inéditas de autores brasileiros da atualidade que brincam com o gênero sob perspectivas variadas. Histórias que flertam com o gore,outras que abordam o horror dentro de nossas mentes, e muitas que se utilizam de seres folclóricos ou tradicionais em diferentes culturas.

Na releitura de um conto de fadas de Alessandra Galvão, **“O mensageiro da capa vermelha”**, Minna ouvira seu pai dizer certa vez: “Lembranças são a fonte mais instável de poder, minha filha. São as lembranças que nos movem e são as lembranças que nos afetam. Cuide para que elas não a façam esquecer de quem realmente és...”, e mal sabia ela o quão certo ele estava.

Em **“O segredo das aranhas”**, de Marlon P Silva, depois de atravessar o mar forçadamente e ser vendida para trabalhar no engenho, Madalena acredita ter encontrado um lugar relativamente confortável no inferno e vive em função de seu filho. Quando um acidente leva o menino, ela precisa lidar com o sentimento de revolta de seus companheiros e com uma terrível verdade revelada pelas aranhas.

Já em **“Brincadeirinha”**, de Karina Cruz, realidade e sonho se mesclam na deliciosa e horrenda tortura sofrida por Lavínia nas longas madrugadas. Seria o cansaço ao acordar fruto do estresse ou de algo mais?

Em **“Apenas um filme”**, de R.R. Oliver, após assistir a um filme de terror, um idoso sente-se atormentado por uma das personagens da história.

Schleiden Nunes Pimenta decreta: aquela ajuda repentina, que você recebeu após pedir por socorro assim, a esmo, e que achava ter sido uma providência divina... Sim, já pensou? Poderia, bem que poderia ter sido uma mãozinha... do **“Agiota do Diabo”**.

Gutenberg Löwe, em **“Noites de lua e danação”**: naquela noite, Gerusso Porcu desejava um pouco de calor, fosse de outra mulher, fosse da bebida. Mas tem boi na linha e o passado vem bater em sua porta.

Finalmente, Diego Quadros brinca (péssimo gosto) com a perda da amada em **“O cangalheiro”**, em que um agente funerário deixa de cumprir os rituais básicos de preparação de um cadáver antes do enterro, na esperança de que sua esposa morta retorne para casa.

Coleções Pulp! é a série do FP! que apresenta antologias divididas entre os principais gêneros da ficção especulativa, fantasia, horror e ficção científica, e suas inúmeras ramificações.



Insólito! Assombroso! Extraordinário! nº 3

de Horacio Quiroga e outros.

A edição de nº 3 de "Insólito! Assombroso! Inimaginável!" marca a estreia de grandes ficcionistas que se juntaram recentemente ao nosso selo literário, além de apresentar narrativas de velhos conhecidos da casa. Ademais, temos a honra de publicar mais um ilustre escritor latino-americano, o uruguaio Quiroga.

Confiram os contos deste e-book:

"Ozymândias", Jaime de Andruart oferece uma bela tradução do soneto "Ozymandias", de Percy Bysshe Shelley, publicado em 1818, em que o autor utiliza a imagem de uma estátua do faraó Ramsés II para descrever temas como a arrogância, a transitoriedade do poder e a permanência da arte.

"Inferno artificial", de Horacio Quiroga, traduzido por Bianca Guzzo, anuncia: um coveiro viciado em clorofórmio sofre a alucinação de falar com um cadáver, que lhe narra como vários anos de vício em cocaína acabaram levando-o ao suicídio. No entanto, seu vício o acompanharia mesmo depois de sua morte.

Em **"O temor do Grande Ohmpá"**, de Francisco Guimarães, nas primeiras décadas do México colonial, muitas lendas rondam o cotidiano de espanhóis, colonos e nativos. Uma das mais famosas é relativa ao tesouro escondido pelo Grande Ohmpá nos confins de um deserto encantado,

do qual nenhum aventureiro retornou.

Já em **“Lua cheia”**, de Karina Cruz, Samantha encontra o grande amor de sua vida, e logo o perde. Na solidão do luto, ela é confortada pelo nada, mas será que o nada está mesmo vazio?

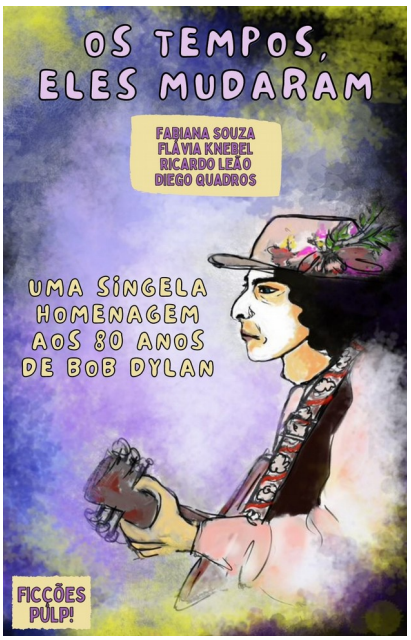
“A ruína de Thra”, de Alan Narcizo, apresenta a história de um pintor que, movido pela ambição, deixa sua cidade em busca da técnica perfeita para seus quadros. Mas qual é o preço da perfeição?

Na história de Nath Olives, **“Límpida”**, anos de solidão e amargura, sob o peso de seu poder inato e violento, levaram aquela mulher a medidas drásticas de reparação. Nada conseguiria fazê-la parar, seu plano estava selado. Pelo menos esta era a crença na qual se prendera até então.

Em **“As Macabeias”**, de Bruno Dunkel Schwarz, o século XVII trouxe ao Brasil as visitações do Tribunal do Santo Ofício e o primeiro derramamento de sangue em terras nacionais, sob o jugo da aparente perseguição à heresia e defesa da fé. Na Bahia, começa então a engrenagem de uma máquina de destruir vidas, a que nem os habitantes mais prestigiados têm a certeza de poder escapar. Serão os laços familiares e de amizade fortes o suficiente para salvar quem se ama?

Por fim, em **“Não vá a Colina Verde”**, um jovem em busca de trabalho pega uma carona que vai deixá-lo não só em uma cidade estranha, como em uma situação inominável.

“Insólito! Assombroso! Inimaginável” é a série do Ficções Pulp! que traz histórias além da imaginação do leitor. Personagens transitando entre a zona do crepúsculo e os limites exteriores. Narrativas de fantasia, horror, ficção científica, aventura, mistério ou sobre o fardo de nossas realidades, escritas por grandes nomes da literatura universal, com tradução



Os tempos, eles mudaram – uma singela homenagem aos 80 anos de Bob Dylan

de Diego Quadros, Fabiana Souza, Ricardo Leão e Flávia Knebel.

Os tempos, eles mudaram mesmo, nestes quase 60 anos que nos separam da época em que Bob Dylan escreveu e gravou a canção *The Times They Are A-Changin'*.

Escrever sobre um personagem multifacetado como o trovador e poeta estadunidense é uma tarefa árdua, atrevida e pretensiosa, mas assumida com entusiasmo pelos quatro fãs e autores das histórias de ficção, crônicas opinativas e textos não muito bem passíveis de categorização que vocês lerão nesta obra.

Como falar, em umas poucas palavras, sobre o cantautor *folk* de voz fanha que, munido de um violão e uma gaita de boca, entoava hinos a toda uma geração, aclamado pelo conteúdo profundo de suas letras? Ou sobre o roqueiro poeta e drogado de influência *beatnik* que – acompanhado da valente banda de apoio, a qual, mais tarde, faria carreira por mérito próprio sob o nome The Band – enfrentou quase dois anos de turnê sob torrentes de vaias a cada show, por mudar tão radicalmente de direção – e de personalidade, a primeira de muitas alterações? Em seguida, o desaparecimento após um suposto acidente de moto, pra ressuscitar como o cantor *country* e fora da lei do oeste selvagem que surpreenderia a todos pela transformação radical de seu timbre de voz. E ainda tem o Dylan artista de circo itinerante que resgatou os velhos amigos pra uma turnê ao estilo *vaudeville*; o *crooner* de cassino que fazia shows acompanhado por um conjunto musical gigantesco; o pregador fundamentalista cristão; o artista sombrio mas sereno, depois de quase se

“encontrar com Elvis” em virtude de um fungo que lhe atingira o coração no final dos anos 1990.

A fim de respeitar e tentar representar, ainda que minimamente, a vastidão da obra e a variedade de estilos e personalidades assumidas por Bob Dylan em seus 80 anos de vida, não se impôs limite ou regra alguma aos autores deste *e-book*. Prezamos justamente pela multiplicidade de olhares, sensações, pensamentos e emoções que vêm à cabeça e aos corações de todos quando escutamos as músicas do eu-lírico de Robert Allen Zimmerman.

Audaciosos? Talvez. Mas destemidos e resolutos também, como o foi o próprio Dylan, chamado de Judas em 1966, antes de se virar, irritado, pra futura The Band e ordenar: “Play it fucking loud!” (algo como “Toquem essa porra bem alto!”), e, em seguida, despejarem sobre as vaias um vômito de palavras sob a forma de *Like a Rolling Stone*.

Esta é apenas uma singela homenagem desenvolvida por ocasião do aniversário do cara, conforme já referido. E ficamos muito orgulhosos de poder prestá-la do jeito que gostamos de fazer: escrevendo.

E, por favor: leiam essa porra bem alto!



Todo homem mata aquilo que ama e outros contos vampirescos

de Victória Glad e outros.

O que vem às suas mentes quando vocês pensam em vampiros? Criaturas de caninos proeminentes, sugadoras de sangue, que habitam um castelo na Transilvânia, dormem em caixões, perambulam pelas trevas e tapam os olhos quando enxergam um crucifixo?

Legal! Porque este e-book apresenta histórias neste clima. Mas... e se disséssemos que também oferecemos algo mais? Uma subversão das narrativas clássicas e suas regras estabelecidas ao longo de séculos de lendas e mitos sobre o monstro em questão? Vocês são capazes de imaginar tais criaturas atacando no espaço sideral? Alimentando-se de outros elementos corporais que não o sangue de homens e outros animais? Espreitando pelos pontos turísticos de uma capital litorânea brasileira? Bancando os heróis improváveis durante uma corrida de táxi pela noite de uma megalópole? Cruzando o caminho de escritores prostitutos, desiludidos com o próprio ofício? (Oh! Isso nos soa tão familiar!)

Este 15º lançamento do Ficções Pulp! e 4º volume da coleção “Clássicos & Contemporâneos” está mais do que especial.

Abrimos com uma narrativa inédita em língua portuguesa de uma revista lendária da era de ouro da pulp fiction. Trata-se da história **“Todo homem mata aquilo que ama”**, constante na edição de março de 1951 da Weird Tales, berço de escritores como H.P. Lovecraft, Robert E. Howard e Clark

Ashton Smith, escrita pela misteriosa autora Victoria Glad e garimpada e traduzida pelo premiado escritor Helton Lucinda Ribeiro. “E se a pessoa que você ama viajasse para a Transilvânia e não desse mais notícias? Você iria buscá-la? Mesmo se tivesse que desafiar as forças das trevas? E, sobretudo, você se questionaria se é isso o que ela quer?”

Na sequência, o mesmo Helton nos brinda com uma narrativa própria, recheada pelos elementos clássicos das histórias vampirescas mais renomadas. Em **“Corveia de sangue”**, a Romênia abole a servidão e institui a reforma agrária. Os camponeses podem ter seu próprio pedaço de chão. Mas não é tão simples quando um vampiro se diz dono das terras.

Logo depois, em **“Vermelho”**, de Carol DerMond, Alex mal chega em Marte e já precisa lidar com trabalho que não corresponde à sua função: investigar a primeira morte no planeta. Mas aquela não seria a única, nem uma morte normal. Quem — ou o que — está deixando um rastro de cadáveres na primeira colônia terrestre em solo marciano?

Gutenberg Löwe nos fala, em **“O primo peruano”**, sobre um novo procedimento estético que promete milagres para combater as gordurinhas. Mas qual é o verdadeiro preço dessas sessões?

Nícollas Lopes, por sua vez, em **“A história de Pedro e Lorraine”**, traz a seguinte premissa: em busca de cigarros, um escritor frustrado é apresentado aos mistérios da noite gélida, de uma garota atrevida e à linha tênue entre a vida e a arte.

Já na história **“Lembre-se de mim”**, de Matheus Peixoto, um monstro imortal se esconde por trás de uma máscara de jovem esteta e sai para caçar em plena Avenida Beira Mar, em Fortaleza. Sua vítima? Alguém que lhe ofereça, além de sangue, uma conversa envolvente e filosófica.

Em **“Agridoce”**, de Karina Cruz, Isaías conduz a bela e estranha Vanessa em seu táxi. Conforme a viagem segue, ele ouve um choro de bebê vindo do banco de trás.
O problema é que só há uma passageira.

“Miosótis”, de Alessandra Galvão, questiona: o que você faria por amor? Ao perder sua amada Isabel para outro, Sebastian faz o inimaginável para tê-la de volta. Mesmo que isso o transforme no monstro que todos o julgavam ser.

R.R. Oliver encerra a antologia com **“O que a noite nos reserva”**: um CEO vai ao encontro de uma garota de programa, atraído pela peculiar “experiência vampírica” oferecida por ela.

Enfim, são oferecidas, neste e-book, histórias vampirescas para todos os gostos, dos mais tradicionais aos completamente abertos a novas experiências.